



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

A PRÁXIS NA ABORDAGEM CRÍTICO-SUPERADORA DEMONSTRADA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO.

Loíze Silva Pessanha, Marcos Santos Ferreira

RESUMO

Práxis é uma categoria de análise do materialismo histórico-dialético caracterizada por um processo dialético entre a teoria e a prática. Desta forma, este trabalho objetiva verificar a presença do 'segundo' e 'terceiro' momentos da práxis (ida à prática e retorno à teoria) na 'Revista Movimento' de 1994 a 2010, disponível no sítio eletrônico que continham as expressões “Coletivo de Autores”, “Soares et. al.” e “superadora”. Observamos que os artigos da década de 1990 tiveram um ‘ênfase teórico’. Já os artigos publicados na década de 2000 tiveram mais um ‘ênfase prático’, nos quais verificamos a presença dos 'segundo' e 'terceiro' momentos.

1. Começando a discussão...

A proposta desta pesquisa é nos debruçarmos sobre uma temática que tem inquietado muito a academia nos nossos dias. De que forma as pesquisas e o conhecimento adquirido na Universidade pode retornar a sociedade e à escola, gerando transformações através do conhecimento científico e da prática cotidiana (prática social). Diversas linhas teóricas tentam esmiuçar este problema para solucioná-lo. A linha teórica escolhida para desenvolver este trabalho é a do materialismo histórico-dialético, a teoria histórico-crítica da sociedade e da Educação.

Para esta concepção, as transformações sociais não poderiam ocorrer somente no âmbito escolar. A escola não poderia, por si só, mudar a ideologia e a concepção de mundo de uma sociedade. As transformações que a escola pode gerar devem ocorrer concomitantemente com o movimento da sociedade para transformação. Elas ocorrem num contexto macro social. Por isso, para o pensamento marxista, a formação do professor deve se dar não somente numa instituição (formação científica), mas dentro dos movimentos sociais (formação social). No marxismo, nisto está a deficiência da formação dos professores: a grande distância da realidade social, ou seja, a ausência de práxis (MARX & ENGELS, 2007a; PISTRUK, 2000).

Para isso, “o educador deve ser educado” (MARX & ENGELS, 2007a, p. 112), deve ser crítico, deve ser um pesquisador permanente, capaz de atuar com um método pedagógico coerente com a transformação. Por isso, é imperativo atuar sob a égide de uma teoria crítica e superadora (que objetive a superação deste sistema), que busque armar as pessoas para lutar contra a exploração, a opressão e a ideologia que fortalece os interesses da classe dominante. Entendemos que, no Brasil, a teoria histórico-crítica é a que mais de aproxima desta convocação.

Então permanece a pergunta: como gerar essas mudanças tão desejadas? Pesquisas, leituras e o cotidiano nos permitem *dar um chute*: somente a prática cotidiana, dentro e fora da escola (orientados por uma teoria transformadora), nos dará as respostas. Somente

na práxis poderemos avançar na nossa autoconstrução como seres humanos e como educadores, e buscar caminhos práticos possíveis para colher frutos transformadores, considerando a educação que se deseja: construtora de seres humanos emancipados, não para atender à produção do capital, mas à sociedade. Pois é na práxis que somos transformados e transformamos à nossa volta, munidos de uma teoria revolucionária.

Com este entendimento, nos debruçamos sobre a categoria de análise ‘práxis’ e suas nuances. Desta forma, para desenvolvermos nossa observação dividimos esta categoria de análise em três momentos: o primeiro é caracterizado pela elaboração da teoria a partir de uma determinada realidade, a partir dos princípios do materialismo histórico-dialético; o segundo a ida a prática onde a teoria de confronto com a realidade; o terceiro, quando se retorna para teoria e se faz um confronto dela com a realidade vivida.

Nesta pesquisa, nossa intenção é verificar como o que estamos chamando de ‘segundo’ e ‘terceiro’ momentos da práxis – isto é, a ida à prática e o retorno à teoria, para então rediscuti-la – vem sendo tratado pelos autores brasileiros da área da Educação Física. Para isso, analisamos artigos publicados na Revista Movimento. Periódico que historicamente traz discussões a prática pedagógica fundada na teoria pedagógica crítico-superadora. Observamos os artigos publicados após 1994, ano em que se iniciou sua edições, e também, dois anos após o livro base desta teoria ser lançado. A intenção é verificarmos os avanços que a práxis alcançou ao longo destes anos nas publicações deste periódico, ou seja, o quanto a teoria (publicações) contribuiu com a prática e esta com a teoria, dialeticamente, para que se possa vislumbrar a construção de práticas pedagógicas e sociais diferentes da atual.

2. Práxis... Introduzindo o tema...

Para o materialismo histórico-dialético, a práxis é um meio, um caminho pelo qual se produz conhecimento, se faz ciência e, dentro do contexto adequado, se transforma a sociedade. É o lugar onde a teoria se une com a prática, possibilitando o homem refazer a si mesmo e a realidade que o cerca. É na práxis que as ações cotidianas ganham novos sentidos e novas formas, para que, num processo contínuo, possam se transformar em senso comum. Então, o senso comum se eleva, pela reflexão, a um patamar de maior consciência.

O homem refaz a si mesmo na medida em que, atuando na práxis, imprime sua consciência em suas ações, seus objetivos, seus métodos e padrões. Sua forma de fazer, seus valores e critérios são impressos naquilo que faz, seja o que for: uma matéria-prima que transforma, uma aula que conduz, um cálculo que resolve. Ao ver a si mesmo naquilo que faz, aumenta sua consciência de si mesmo e do que está à sua volta. Vê-se como agente, ator social, capaz de construir sua realidade.

Essas transformações são também impressas no meio em que vive. Ao atuar sobre a realidade em que vive o homem sempre gera mudanças, quer esteja ou não consciente disso. Ou seja, ele ‘humaniza’ seu meio. O homem é o único animal capaz de realizar isso: adaptar o meio a si e não somente adaptar-se a ele. Quando gera essas transformações de forma consciente, muda seu meio e aumenta sua consciência de si, mudando a si próprio.

“A práxis produtiva é, assim, a práxis fundamental porque nela o homem não produz só um mundo humano ou humanizado, no sentido de um mundo de objetos que satisfazem necessidades humanas e que só podem ser produzidas na medida em que se plasma neles fins ou projetos humanos, como também no sentido de que na

práxis, o homem também se produz, forma ou transforma a si mesmo” (VÁZQUEZ, 2007, p. 228).

Vivemos numa sociedade que compreendemos que precisa mudar. Por causa desta compreensão insurge a ânsia, a necessidade de transformá-la. Partindo deste entendimento, para o pensamento marxista, a práxis é o caminho cientificamente adequado para que esta transformação ocorra, é o meio de transformação da sociedade em que vivemos para a sociedade que queremos.

Para melhor compreendermos o conceito de práxis, afirmamos que o conceito utilizado neste texto é expresso por Vázquez, é “uma atividade que produz um objeto alheio ao agente ou à sua atividade” (VÁZQUEZ, 2007, p.28), ou seja, uma atividade criativa, capaz de gerar um novo produto, capaz de transformar algo já existente. Na práxis, porém, existe um elemento a mais, algo que deve ser acrescentado a esta ação que fará toda diferença entre um ato qualquer e a práxis. Este diferencial é a consciência. Na práxis, toda ação deve ser uma ação consciente, uma ação com um objetivo a ser alcançado e com um processo minimamente desenhado, porém, sempre regido pela reflexão.

Segundo Hurtado (1992) *apud* Benincá (2002) práxis é

“a concepção que integra em uma unidade dinâmica e dialética a prática social e sua pertinente compreensão teórica, a relação entre a prática, a ação e a luta transformadora e a teoria que orienta e ajuda a conduzir à ação” (p. 118).

Desta forma, práxis não pode ser entendida como uma ação prática pura, ou seja, de qualquer ordem, com fim em si mesma, mas uma ação consciente, sempre associada de uma reflexão. Esta reflexão não pode ser confundida com uma 'intenção' ou um 'objetivo', pois os objetivos são inerentes a qualquer ação humana, mas deve ser entendida como uma ação consciente, reflexiva. Práxis é uma ação iniciada por um objetivo e associada, sempre, à reflexão, que é parte integrante desta ação. Senão for assim, não há práxis.

Acrescentamos que este processo não é engessado, rígido ao projeto inicial, mas, de acordo com o que o processo prático demonstra, retornamos a teoria para refazê-la, dialeticamente¹. Somente a realidade concreta dirá no que a teoria está correta ou é falha. O que queremos dizer é que a teoria não é rígida. Se a prática exigir, a teoria deve ser refeita de acordo com o que a realidade demonstra.

Para Engels (1979) *apud* Vázquez (2007), a inteligência humana (entendemos a elaboração do conhecimento por parte do homem) aumentou na medida em que o homem aprendeu a transformar a natureza. O que Engels quis dizer é que a partir de sua atividade prática material (trabalho humano), o homem foi capaz de elaborar conhecimento, e também a partir dele, transformar a realidade. O grande desenvolvimento das ciências modernas deu-se pelo grande interesse social em transformar a natureza e aumentar a produção. Quanto mais a realidade exigiu da ciência, mais a ciência se desenvolveu, elaborando conhecimento e atuando sobre ela. O homem elaborou conhecimento a partir do momento em que precisou conhecer a realidade profundamente para poder mudá-la, e também para criar meios de fazê-lo.

Na primeira Tese Sobre Feuerbach, Marx e Engels (2007A) criticam Feuerbach porque, segundo eles, o autor concebe a produção do conhecimento, isto é, ‘a apreensão do objeto’, de forma sensível, pela contemplação, pela teorização e não de forma prática. Para Marx, a apreensão da realidade se dá a partir da prática concreta, da atividade prático-crítica. Para ele o fundamento da teoria é a prática.

¹ Dialético deve ser entendido como uma relação de dupla determinação, ou seja, dois elementos estabelecem uma relação de retroalimentação, numa via de mão dupla, recebem influências recíprocas.

No marxismo, a atividade prática material, ou ‘trabalho’², é categoria central de análise. A prática é uma

“ação material, objetiva, transformadora, que corresponde aos interesses materiais e, considerada do ponto de vista histórico-social, não é só produção de uma realidade material, mas sim criação e desenvolvimento incessante da realidade humana” (VÁZQUEZ, 2007, p. 242).

As transformações sociais, ao longo da história, sempre encontravam resistência para acontecerem. Podemos chamar esta resistência de ‘tradições’ ou ‘senso comum’. O senso comum resiste às possíveis transformações que a práxis pode trazer à realidade por temer seu fim, por temer a instabilidade de seus valores e desejar a preservação do grupo. Assim, a tendência do senso comum é considerar a relação teoria e prática como inútil ou como puro ‘falatório’. Como nos diz Benincá (2002), as mudanças são uma ameaça à sua estrutura e à estabilidade de seus sentidos. Não estamos afirmando com isso que o senso comum não tem o seu valor, pois é resultado das experiências de um grupo, ou de determinada sociedade, e sedimentado ao longo dos anos pela reprodução, com o objetivo de preservar tal grupo (BENINCÁ, 2002).

A práxis, portanto, é um movimento difícil de ser construído, principalmente a mudança pela práxis. Senão houver constante retorno à teoria, e se a ação não for sempre consciente, mesmo que haja intenção de práxis, ela pode não ocorrer. Benincá (2002, p. 102) diz que “[é] possível discorrer, imaginar e pensar sobre assuntos diversos, enquanto manipulamos objetos e realizamos ações no domínio da consciência prática”, ou seja, pensamos sobre como mudar o mundo, mas agimos tomando mão do senso comum.

Nossa consciência prática (senso comum) é fonte primeira de nossas ações. Mesmo que nossa consciência tenha se elevado do senso comum, no momento da ação prática, podemos recorrer à consciência prática e não à reflexiva, pela força que a primeira possui sobre nossas ações. “Não basta dar-se conta das contradições entre o discurso e prática; o problema reside em identificar o núcleo do senso comum que inspira a prática e transformá-lo” (BENINCÁ, 2002, p. 120). Ou seja, precisamos identificar conscientemente a fonte primeira de determinada ação e, pela reflexão, refazê-la. Transformada a fonte, a ação se modificará.

“O discurso, se não se constitui em prática, não consegue mudar o pensamento e a concepção do mundo. Mas a prática, enquanto construtora da experiência do senso comum, transforma-o de forma espontânea. O caminho da prática é a estratégia que visa burlar a vigilância da concepção de mundo e, com isso, procura evitar as resistências que o senso comum oferecia” (BENINCÁ, 2002, p. 125).

A penetração no cotidiano de práticas que transformem os sentidos, se sistematicamente repetidas, pode substituir sentidos diferentes dos existentes e até mesmo contraditórios. É o caso claro da influência que a mídia exerce sobre a população que, ao longo dos anos, tem alterado sentidos e valores sociais através da repetição de discursos e práticas. As pessoas a recebem passivamente e ativamente vão construindo sentidos para as práticas antes rejeitadas.

Portanto, o caminho para a ressignificação do senso comum é o de novas práticas ritualizadas de forma reflexiva. Só a contraposição de idéias, fortalecidas por práticas que

² Produção humana resultado de sua prática. Atua sobre o homem, na medida em que o transforma, sobre a realidade que o cerca, e também, sobre as suas relações sociais.

corroboram com estas novas elaborações, poderá ter força para transformar o senso comum.

3. Construindo uma Educação e uma Educação Física comprometida com a transformação...

Na década de 1980, o Brasil vivia o período de redemocratização pós-ditadura militar, iniciada em 1964. Muitos intelectuais brasileiros, inspirados neste novo tempo, acreditando em poder concretizar o sonho de uma nova sociedade e deixar para trás as experiências amargas da ditadura, se mobilizaram para escrever um novo projeto de sociedade. Desde então, os intelectuais, cada um em sua área de atuação, começaram a elaborar um plano de como deveriam ser os parâmetros desta nova sociedade. Vimos isto claramente na mobilização para a elaboração da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) na década de 1990, que foi abruptamente modificada pelo senador Darcy Ribeiro e outros, para responder a política educacional neoliberal do Banco Mundial (ZANETTI, 1998).

Neste movimento nacional, os intelectuais da Educação Física também repensaram a área e as contribuições que ela poderia trazer a esta nova sociedade. Foram produzidos muitos artigos e livros que repensavam a Educação Física, seus fundamentos históricos e científicos.

Neste momento se discutia se a Educação Física era uma ciência ou uma intervenção pedagógica. Os que defendiam a Educação Física como uma ciência, discutiam qual seria seu objeto de estudo. Os que a defendiam como intervenções pedagógicas buscavam fundamentar suas teorias nas diversas teorias de educação existentes (KATAOKA, 2007; COLETIVO DE AUTORES, 1992). Foi então que, em 1992, surge a teoria crítico-superadora, idealizada por um Coletivo de Autores, que inspirados em Demerval Saviani e José Carlos Libâneo, pensaram a Educação Física como uma intervenção pedagógica fundamentada no materialismo histórico-dialético e aliada a um projeto socialista de sociedade. Neste trabalho, defendemos a concepção de Educação Física como intervenção pedagógica.

Esta proposta pedagógica estabelece como objetivo a transmissão do conhecimento historicamente construído da cultura corporal (jogos, ginástica, lutas, acrobacias, mímica, esporte e outros), com o objetivo de tornar o mais claro possível a realidade contraditória do sistema capitalista para os educandos e explicitar como ela se insere no contexto das atividades físicas (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Para isto, os autores sugerem uma metodologia de ação pedagógica que não serve como uma receita pronta a ser posta na realidade, mas oferecem alguns parâmetros metodológicos e algumas reflexões para a atuação dos professores na escola.

Segundo Oliveira (2005), as chamadas teorias crítico-superadora e crítico-emancipatória são as teorias elaboradas nesta época que apresentam um método pedagógico sistematizado, de forma que pode mais efetivamente estar contribuindo para a ação docente. Desta forma, a desejamos analisar como esta proposta tem sido tratada nas produções científicas do periódico 'Revista Movimento'.

4. Entendendo o 'COMO' da pesquisa...

Como já apontamos anteriormente, a teoria pedagógica crítico-superadora, escolhida como referência nesta pesquisa, teve sua primeira e única publicação em 1992 e, deste então, não houve nenhuma outra obra que se caracterizasse como uma continuação desta, uma obra que representasse um diálogo da teoria crítico-superadora com a prática.

Destacamos, entretanto, que, ainda que esta obra não tenha surgido, foram produzidas pesquisas fundamentadas nesta teoria.

Diversos pesquisadores brasileiros se debruçaram sobre a teoria crítico-superadora para confrontá-la com a realidade. Pesquisas estas que estão expostas em diversos periódicos da área, abordando diferentes temas da cultura corporal. Com o objetivo de detectar os avanços que estas pesquisas proporcionaram à práxis, nos propomos, a partir deste momento, a fazer um levantamento destes artigos para análise.

Para tanto, selecionamos o periódico 'Revista Movimento' da Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por ser, a nosso ver, representativo no trato com o tema prática pedagógica na Educação Física e por ter, ao longo dos anos, se debruçado sobre os principais debates que a Educação Física travava na década de 1990 e 2000, como 'O que é Educação Física?' e o trato com esporte na escola. Após este levantamento, analisamos cada artigo identificando o 'segundo e terceiros momentos' e apontando os avanços que estas pesquisas proporcionaram à práxis pedagógica.

Nesta busca, levantamos edição por edição do referido periódico, identificando artigos, publicados de 1994 (data de início das publicações do periódico) a 2010, que tratam da perspectiva crítico-superadora da Educação Física. Consideramos todas as suas edições, uma vez que a 'Metodologia do Ensino da Educação Física', que marca a emergência da abordagem crítico-superadora foi publicada em 1992, dois anos antes. Os artigos selecionados, ordenados em ordem crescente de data de publicação são apresentados no quadro 1.

Para efetuarmos a busca dos artigos, utilizamos os descritores 'Coletivo de Autores', 'Soares et. al.' e 'superadora', nos títulos, resumos e no texto. Consideramos que tal delimitação não garante a totalidade da contribuição que este periódico trouxe para a práxis pedagógica, a partir da teoria crítica, mas precisávamos delimitar aquelas que tratavam especificamente da teoria crítico-superadora. Acreditamos que mesmo publicações que não mencionam diretamente esta teoria, contribuíram para a mesma. Algumas tratando de temas específicos como, gênero, currículo, esporte, a Educação Física como ciência, o objeto de estudo da Educação Física etc. Entretanto, foi necessária tal delimitação para este estudo.

Quadro 1 – Lista dos artigos que tratam da perspectiva crítico-superadora da Educação Física publicados na 'Revista Movimento' de 1994 a 2009.

REVISTA MOVIMENTO		
Ano	Autor (es)	Título
1994	Helder Guerra Resende	Reflexão sobre algumas das contradições da Educação Física no âmbito da escola pública e alguns caminhos didático-pedagógicos na perspectiva da cultura corporal.
1997	Marcelo Guina Ferreira	Crítica a uma proposta a uma proposta de Educação Física direcionada a promoção da saúde a partir do referencial da sociologia do currículo e da pedagogia crítico-superadora.
1999	Pedro Rodolfo Jungers Abib	Educação Física Escolar: uma proposta a partir da síntese entre duas abordagens.

2002	Lívia Tenório Brasileiro	O conhecimento no currículo escolar: o conteúdo dança em aulas de Educação Física na perspectiva crítica.
2008	Breno Fiori Bertazzoli, Danilo Almeida Alves, Silvia Cristina Franco Amaral	Uma abordagem pedagógica para a Capoeira.

5. Considerações provisórias (pois o conhecimento é sempre provisório)...

A análise dos artigos publicados na 'Revista Movimento' demonstrou a construção histórica dos debates da chamada Educação Física crítica. Nos anos 1990, essa produção foi marcada pelos embates teóricos e refutações. Não queremos dizer que a preocupação com os aspectos didático-metodológicos não tenham existido, mas não era central, o que classificamos de teorismo, diferente do que vinha acontecendo antes, pois as preocupações eram somente práticas (na produção científica). Afinal antes da década de 1980, podemos dizer que Educação Física estava amortecida para a crítica. Já os artigos publicados a partir da década de 2000 revelaram uma maior atenção com os aspectos teórico-práticos, demonstrando uma demora entre a elaboração e apropriação da teoria e sua prática, o que não é preconizado pelo materialismo histórico-dialético, pois a elaboração da teoria e a ação prática devem ocorrer dialeticamente, e não uma após da outra. Acreditamos que diferente do que ocorreu na produção científica, os docentes comprometidos com esta linha teórica o tenham feito ao longo de sua atuação na escola, mas isso não refletiu substancialmente nas produções.

Os artigos publicados na década de 1990 que focaram, principalmente, os aspectos teóricos da teoria crítico-superadora tentaram diminuir suas limitações contemplando-as por outras teorias. Por isso, a teoria crítico-superadora sempre era analisada em conjunto com outros autores. Os dois artigos publicados na década de 2000 focaram a práxis, nos quais sempre havia o confronto dos princípios tirados do Coletivo de Autores (1992) com as práticas vivenciadas. Isto é, percebemos que os chamados 'segundo' e 'terceiro' ocorreram e que houve um ensino crítico e historicizado em ambos os casos. Explicitando que o ensino crítico possível se dá pela apropriação contextualizada do conhecimento, dando condições de os alunos visualizarem a realidade como ela é e não anuviada pela ideologia dominante. Não se trata de 'doutrinação política', nem de ilusão teórica, mas de uma prática concreta que pode ser materializada na escola. Não estamos falando de transmitir diretamente ao aluno uma visão política, mas estimular nele uma visão da história e da realidade desanuviada da ideologia que deseja manter um quadro de valores que favorece a manutenção do *status quo*. Assim, o aluno pode participar do movimento da sociedade em direção a uma sociedade diferente.

Debruçarmos sobre este tema possibilitou-nos conhecer a práxis materializada na realidade pedagógica, possibilitou-nos verificar que concretamente é pelo caminho da práxis que novas formas de pensar e fazer a realidade são possíveis. Não precisamos manter-nos aprisionados na 'forma', podemos pela análise crítica do 'conteúdo', produzir para reproduzir realidades diferentes. Não é utópica essa sociedade diferente. E como o materialismo histórico-dialético aponta: a práxis é o caminho científico para que possamos alcançar a realidade que queremos. Não como fruto do acaso, mas da intenção conjunta das pessoas que, iluminadas pela história, podem perceber que ela nada mais é que resultado da ação dos homens. Então, pela ação dos homens podemos construí-la do jeito que queremos (VÁZQUEZ, 2007). Não se trata de uma questão de tempo, poderemos

viver esta realidade quando os homens, unidos por objetivos semelhantes, não homogêneos, atuarem para concretizá-la. A práxis é o caminho. A transformação é o objetivo.

A Educação Física pode, junto às ações da sociedade para a transformação, colaborar com este movimento. Fundamentada numa visão de educação que defenda a classe trabalhadora, atuar de forma crítica, criando práticas diferentes, não somente no âmbito das ações pedagógicas, mas também relacionada à cultura escolar e ao entorno, à visão da Educação e de Educação Física. Um professor que se compromete com estas ações, mesmo que tolhido por uma realidade cruel de desvalorização da escola e de seu trabalho, pode contribuir lutando dentro e fora da escola.

Percebemos que nos anos 1980/1990 a Educação Física preocupou-se em legitimar-se dentro da escola como prática pedagógica que deve pertencer ao currículo escolar. Os teóricos buscavam de muitas maneiras encontrar esta legitimação através da legalização e do embate teórico. Porém, acreditamos que a legitimação da Educação Física na escola como prática pedagógica se dará pela via da práxis, ou seja, as práticas cotidianas dos professores de Educação Física serão vistas e revistas pela comunidade escolar e serão reiteradas à realidade da mesma, de forma que ao longo do tempo, o discurso mudará, formalizando um novo senso comum sobre o assunto. Não entendemos que a Educação Física não permanecerá recebendo influências na mídia e de outras instituições, nem que será rápida esta transformação, mas acreditamos que pela via da práxis ela é possível e será consistente (BENINCÁ, 2002).

Entendemos que na práxis a teoria ocupa um lugar importantíssimo, pois a prática sem teoria crítica não gera transformação, mas reprodução irreflexiva. Somente uma visão realista da história pode capacitar o homem para transformá-la. Somente uma visão realista da sociedade pode dar ao professor condições de gerar uma prática diferente, crítica. Porém, não deve ser a teoria nossa maior preocupação nem a prática sozinha, mas sim ambas, pois é a prática gera mudanças, mas só com reflexão serão mudanças intencionais.. Portanto, nesta monografia consideramos infrutíferos tanto o teorismo quanto o praticismo, entendendo que só na profunda relação dialética entre teoria e prática, (somente na práxis) é que poderemos chegar onde queremos, com intenções semelhantes, humanas e emancipatórias.

6. Referências Bibliográficas

ABIB, P. R. J. Educação Física Escolar: uma proposta a partir da síntese entre duas abordagens. *Revista Movimento*. vol. 5 n. 10. p. 29-34, 1999.

BENINCÁ, E. O senso comum pedagógico: práxis e resistência. 2002. 249 f. (*Tese Doutorado em Educação*). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2002.

BRASILEIRO, L. T. O conhecimento no currículo escolar: o conteúdo dança em aulas de Educação Física na perspectiva crítica. *Revista Movimento*. v. 8 n. 3, p. 5-18, 2002.

BERTAZZOLI, F. B.; ALVES, D. A.; AMARAL, S. C. F. Uma abordagem pedagógica para a Capoeira. *Revista Movimento*. vol. 14 n. 2, p. 207-229, 2008.

CASTRO, C. M. Educar é contar histórias. *Revista Veja*. Edição 2116. Data: 10/jun/2009. p. 28. Disponível em: http://veja.abril.com.br/100609/p_030.shtml

DEMO, P. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRA, M. G. Crítica a uma proposta de Educação Física direcionada a promoção da saúde a partir do referencial da sociologia do currículo e da pedagogia crítico-superadora. *Revista Movimento*. vol. 4, n. 7, p. 20-33, 1997.

KATAOKA, E. K. Cadê a práxis na Educação Física? *Monografia de Graduação*. Universidade Federal do Paraná. Departamento de Educação Física. Curitiba, 2007.

LIBÂNEO, J. C. *Democratização da Escola Pública: pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 1 ed. São Paulo: Loyola, 1985.

MARX, K. Ad Feuerbach. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução por Pietro Nasseti. 1 ed. São Paulo: Martin Claret, 2007a

MARX, K. Manifesto de Lançamento da Associação Internacional dos Trabalhadores. In: MARX, K., ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução por Pietro Nasseti. 1 ed. São Paulo: Martin Claret, 2007b

MÉSZÁROS, I. *A educação Para além do Capital*. Tradução por Isa Tavares. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008 (Coleção Mundo do Trabalho).

MEDINA, J. P. S. *A Educação Física cuida do corpo... e mente*. 1 ed. Campinas: Papirus, 1983.

MIRANDA, I. L. Processo educativo: a práxis intencional e o resgate da cidadania. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 87-99, jan./jun. 1998.

OLIVEIRA, V. M. *Consenso e conflito da Educação Física brasileira*. Campinas: Papirus, 1994.

OLIVEIRA, S. A. *Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica*. 2 ed. São Paulo: Autores Associados, 2005 (Coleção Educação Física e Esportes).

PISTRAK, M. *Fundamentos da Escola do Trabalho*. Tradução Daniel Aarão Reis Filho. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

PONCE, A. *Educação e Luta de Classes*. Tradução por José Severo de Camargo Pereira. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

RESENDE, H. G. Reflexão sobre algumas das contradições da Educação Física no âmbito da escola pública e alguns caminhos didático-pedagógicos na perspectiva da cultura corporal. *Revista Movimento*. Vol. 1, N 1, p. 20-28, 1994.

RESENDE, H. G. Concepções em torno da relação teoria-prática e suas possíveis implicações no âmbito acadêmico e profissional. *Perspectivas em Educação Física Escolar*. v. 2 n. 1 p. 25-35, 2001. Disponível em: <http://www.uff.br/gef/helder21.htm>

SAVIANI, D. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: Ferreti, C. J. at. al. (org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: Um debate multidisciplinar*. Petrópolis, Vozes, 1994, p.147-164.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. 1 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

VÁZQUEZ, A. S. *Filosofia da práxis*. Tradução por Maria Encarnación Moya. 1 ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, 2007. 488 p.

ZANETTI, M. A. Política Educacional e LDB: Algumas Reflexões. *Revista Digital Livre Filosofar*. Dez/1998. Disponível em: <http://www.milenio.com.br/ifil/Biblioteca/zanetti.htm>

Loíze Silva Pessanha.
pessloize@hotmail.com

Marcos Santos Ferreira
msantosferreira@uol.com.br

Rua Maués 320, fundos.
Bráz de Pina - Rio de Janeiro – RJ

Apresentação Oral.
GTT – Escola.
Trabalho em andamento.
Tecnologia de apresentação: Data-Show